# "APÓLOGO DAS COTOVIAS" VISÃO SEMIÓTICA BASEADA NA TEORIA DE A. J. GREIMAS

*Miguel Eugênio Almeida* (UEMS)

## INTRODUÇÃO

No texto "Apólogo das Cotovias" (BERNARDES, 1909: 91-92), apresentaremos uma análise narrativa e discursiva no que diz respeito à visualização de como um discurso acontece na perspectiva semiótica greimasiana.

***Texto***

1. A este ponto faz o apólogo que se conta das cotovias que tinham seus ninhos entre as
2. searas.
3. Dissera o dono do campo a seus criados que tratassem de meter os pães já
4. sazonados. E ouvindo este recado, uma delas foi pelos ares avisar as outras que
5. mudassem de sítio, porque vinham logo os segadores. Porém, outra mais velha as
6. aquietou do susto dizendo: _ Deixemo-nos estar, que de mandar ele os criados e fazer-
7. se a obra vai ainda muito tempo. Dali a alguns dias, ouviram que o amo se agastava
8. com os criados, porque não tinham feito o que lhes encomendara e que mandava selar a
9. égua, para ele mesmo ir ver o que convinha. Agora, sim (disse então aquela cotovia
10. astuta), irmãs, levantemos vôo e mudemos de casa, que vem quem lhe dói à fazenda.

### *Representação simbólica dos actantes:*

**S1** = dono do campo, amo; sujeito do querer, do poder.

**S2** = outra (cotovia) mais velha, astuta; sujeito do saber, da competência.

**S3** = uma delas (cotovia), mensageira; Sujeito da performance.

### Perspectiva teórica

**SX** = cotovias; sujeito destinatário.

**SY** = criados, segadores; sujeito destinatário

**Ov** = searas

**Om** = susto

A narrativa pode resumir-se na seguinte fórmula canônica:

**S1ŪOv∩SX ⟶ S1⋂OvUSX**

Estado Inicial – Transformação – Estado Final

Assim, cabe observar, inicialmente, com SANTANA (1994: 120) "A narrativa pode definir-se (...) pela circulação de objetos (convém lembrar que, em semiótica, sujeito não é personagem e objeto não é coisa, são papéis, noções que definem posições correlativas, actantes ou papéis actanciais, que não existem nunca um sem o outro.)" E com GREIMAS & COURTES (1979: 76), referente à fórmula acima, coloca-se o seguinte: "(...) a não-disjunção (conservar alguma coisa) entre um sujeito e um objeto valor deve ser distinguida da conjunção (ter alguma coisa)". No estado inicial, a não-disjunção /Ū/ entre **S1** e **Ov** está na não-realização imediata da obra por **SY** para **S1**. Assim, o /**Ov**/, seara, continua no processo de não-conjunção /⋂/ da posse temporária de **SX**. Na transformação, mudança de estado final, **S1** toma decisão de vistoriar a sua ordem dada a **SY** a respeito do cumprimento da mesma. Sabendo dessa notícia, **S2** convoca **SX** para levantar vôo e mudar de "casa" /**Ov/**.

**Estado Inicial: S1UOv∩SX**

Há uma não-disjunção inicial da narrativa quando **S1** – ordenara – /fazer/dever/ a **SY** "tratassem de meter os pães já sazonados" (linha 3), porque a ordem de **S1** não foi cumprida imediatamente por **SY**. Esta fase é a do contrato, que corresponde à manipulação do esquema narrativo. Assim, a seara /**Ov**/ (linha 2) continua, por enquanto, a morada de **SX**.

*Estado Medial*:**S3∩OmUS2**

**S3,** diante do que "dissera" **S1** a **Sy**, ficou tomada de "susto" e, deste modo, **S3** foi "avisar" /fazer-saber/ a **SX** da ordem de **S1** a **SY.** Este momento se caracteriza pela referida modalidade do /fazer-saber/ pela manipulação de **S3** em /fazer-crer/ **SX** o seu susto /**Om**/, mas **S2** "as aquietou do susto" quando diz /saber-crer/ (linha 6-7): "_Deixemo-nos estar, que de mandar ele os criados e fazer-se a obra vai ainda muito tempo." A manifestação de **S2** caracteriza-se, por-

tanto, na narrativa a competência pelo objeto modal /saber-crer/. **S2** tranqüiliza **SX** do susto /**U**/.

*Estado Final*: **S1∩OvUSX**

**S1** "mandava selar a égua" (linha 8) /poder-fazer/, ou seja, **S1** mostrava a sua competência para administrar o seu campo, para ver de perto o que ordenara /poder-fazer/ a **SY** sobre **Ov** (seara). E a resposta de **S2** para **SX** representa, inicialmente, um apelo para /dever-fazer/ e /querer-fazer/ quando fala (linha 10): "(...) levantemos vôo e mudemos de casa.", porque, continua **S2**: "(...) que vem quem lhe dói à fazenda." (linha 10) Isto representa para **S2** uma sanção cognitiva quando ela reconhece a sua posição existencial e a posse de **S1** em relação à seara.

*Observações sobre os principais actantes*:

1**. S1** é um sujeito do /querer-fazer/ e do /dever-fazer/ como papéis actanciais e como papel temático, ele é "o dono do campo" e mais ideologicamente está representado como o "amo", ou seja, o "senhor" que detém o poder de /mandar-fazer/ o que é necessário no seu campo. A sua (**S1**) competência se expressa no objeto modal /dizer-fazer/ o que deve ser feito aos seus criados. O papel temático de *ser amo* pode implicar, ainda, em ser o senhor, "dono do campo", dono da vida de seus criados e de tudo que há nos limites de seu território geográfico.

2. **S2** é o sujeito do /saber-fazer/ e do /fazer-crer/ no aspecto actancial e no temático representa a *cotovia astuta* que é capaz de limitar o seu campo de ação e das companheiras. Observamos que a *cotovia astuta* exerce um papel temático de liderança com a comunidade das cotovias, quando as convoca interpelando: "levantemos vôo e mudemos de casa." Com isto, mostra a sua competência através do objeto modal /dever-fazer/ que justifica plenamente a sua alcunha de "astuta" perante as demais, talvez, por ser também "mais velha" em experiência de vida.

Há no texto narrativo "Apólogo das Cotovias" uma delimitação de espaços: o campo do amo é a "casa" das cotovias *temporari-*

*amente*, isto é, permanecem nos locais até o período da colheita das plantações. O tempo é mais caracterizado psicologicamente pela fala da cotovia astuta e das demais: "_ Agora, sim (...)" (linha 9) Ou: 1) "(...) ouvindo este recado "(linha 4) ↔" porque vinham logo os segadores "(linha 5) 2)" (...) vai ainda muito tempo "(linha 6-7)

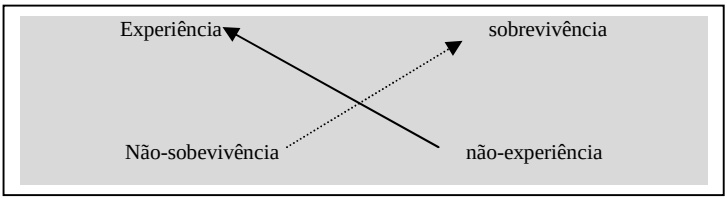
Assim, podemos mostrar o seguinte quadro dos actantes e suas figuratizações:

| | **Papéis temáticos** | **Suas figuras** | **Percurso figurativo** |
|---|---|---|---|
| **S1** | Dono do campo<br>Amo | Criados<br>Segadores<br>Seara<br>égua | fazenda |
| **S2** | Cotovia mais velha | Sabedoria pela experiência vivida<br>Sítio<br>Casa = seara | astúcia |
| **S3** | Uma das cotovias | Vôo<br>Sítio = ninhos<br>Mensagem: avisar as outras sobre o recado ouvido | mensagem |
| **SX** | cotovias | Sítio<br>Casa = seara, ninho<br>inquietação | susto |
| **SY** | Criados segadores | Fazenda<br>Trabalho de fazenda: preparar a terra; plantar; colher; "selar a égua" | Trabalho rural |

**SY** não realiza obra imediatamente para **S1**. Há aí uma implicação de não-performance, ou seja, de duratividade descontínua – iteratividade – que mostra a desobediência de **SY** para com **S1.** Diante desta situação, **S1** é sancionado por insatisfação, porque há uma ruptura de contrato que assinala uma ação negativa: desrespeito. E uma *sanção cognitiva* quando reconhece a desobediência de **SY**.

**S2** assume um papel actancial do /saber-fazer/, cognição, inteligência quando coloca sua capacidade de resolver o problema imediato da mudança de casa (outro sítio). A *astúcia*, no caso de **S2**, está na serenidade de raciocínio que foi adquirida pela experiência do tempo. Assim, do ponto de vista discursivo, a narrativa valoriza a experiência do mais velho. Experiência esta que constitui objeto modal que influi contribuindo para uma vivência coletiva melhor. A experiência de **S2** /saber-fazer/, ação-sanção, leva a permanência, conjunção /∩/, que minimiza os obstáculos, para sobrevivência do

grupo. A partir desta perspectiva actancial e temática de **S2** e seu grupo, podemos apresentar o quadrado semiótico, a seguir:




Percebemos a sintaxe superficial no "Apólogo das Cotovias" quando mostra as mudanças de *estado inicial* e *estado final*, visualizada pela fórmula canônica.

Percebemos a sintaxe discursiva, no caso, através do *percurso figurativo* dos atores actantes e a sintaxe profunda a partir do que se afirma – experiência e sobrevivência – e do que se nega – não – sobrevivência e não-experiência –.

Já a semântica fundamental compreende as categorias sêmicas arroladas, a saber: amo x escravo; natural x cultural; experiência x inexperiência; temor x destemor.

A semântica narrativa está no elemento de transformação de estado pelo enunciado de estado através do objeto modal *experiência* da cotovia astuta, por exemplo.

A semântica discursiva está na discursivização através do percurso-figurativo, da temporização e da prossêmica, quando esta utiliza o espaço – meio rural – com o fim de mostrar o valor *inteligência* no contexto social.

O tema da *inteligência* aparece figurativizado na referida narrativa pela representação antropomorfizada do /saber-crer/ da cotovia *mais velha, astuta*, que mostrou diante das outras mais novas, menos experientes, a sua capacidade de perceber a relação entre senhor e servo, ou melhor: quando o senhor não está presente supervisionando a sua obra, há uma tendência de inércia dos servos em executá-la. O objeto sintáxico /**Ov**/ recebeu um investimento semântico, cf. GREIMAS & COURTES (1979; 186), que é possível reconhecer como uma figura, no caso: *seara*

SXUO **(seara) v (moradia**)

**S1ŪO** (seara) v (poder)

## CONCLUSÃO

A busca da *seara* no discurso representa para **SX** a sua morada (sobrevivência) e para **S1** o poder sobre os criados.

As ações de **S3** /fazer-saber/ e de **S2** /saber-fazer-crer/ e /dever-fazer/ caracterizam a personificação, porque substituem "(...) as operações lógicas por operações do fazer*, e define os sujeitos de estado* pela junção deles com os objetos suscetíveis de serem investidos de valores que os determinam." Cf. GREIMAS & COURTES (1979; 23). **S1 e S2** são *sujeitos-de-estado*. Eles são responsáveis pelas mudanças, transformações de estado na narrativa em questão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, D.L. *Teoria semiótica do texto.* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997 (Série Fundamentos, 72)

BERNARDES, Pe. Manuel. *Nova Floresta.* 9ª ed. Porto: V.I. 1909.

D'ÁVILA, Nícia Ribas. "Renart e Chanteclert" – Visão semiótica baseada na teoria de A. J. GREIMAS. *Revista de Estudos e Comunicações.* Santos: Universidade Católica de Santos, Abril – 1990.

FIORIN, J. Luiz.. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998 (Série Princípios,137).

GREIMAS, A. J. & COURTES, J. *Dicionário de semiótica.* (Tradução: Alceu Dias Lima et alii). São Paulo: Cultrix, 1979.

LANDOWSKI, Eric *In memoriam.* Disponível em: http://www.pucsp.br/~cos- e.htm Acesso: 19/05/01

SANTANA JR., Sílvio. Greimas e a redescoberta de Vladimir Propp. *Revista Confluência. Boletim do Departamento de Lingüística.* Ano 3 n.º Especial, I EELA. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP-Assis, 1994.

———. Semiótica e o sincretismo religioso no Brasil. *Revista Confluência – Boletim do Departamento de Lingüística* – III EELA. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP–Assis, [?:?].

———. A. J. Greimas e a Escola Semiótica de Paris. **In:** *Estudos de Literatura e Lingüística.* São Paulo: Arte e Comunicação, 1998.

SIMÕES, Darcilia (org.). *Semiótica & Semiologia* (Coleção: Em Questão). Rio de Janeiro: UERJ-DEPEXT –SR3/ Publicações Dialogarts, 1999.